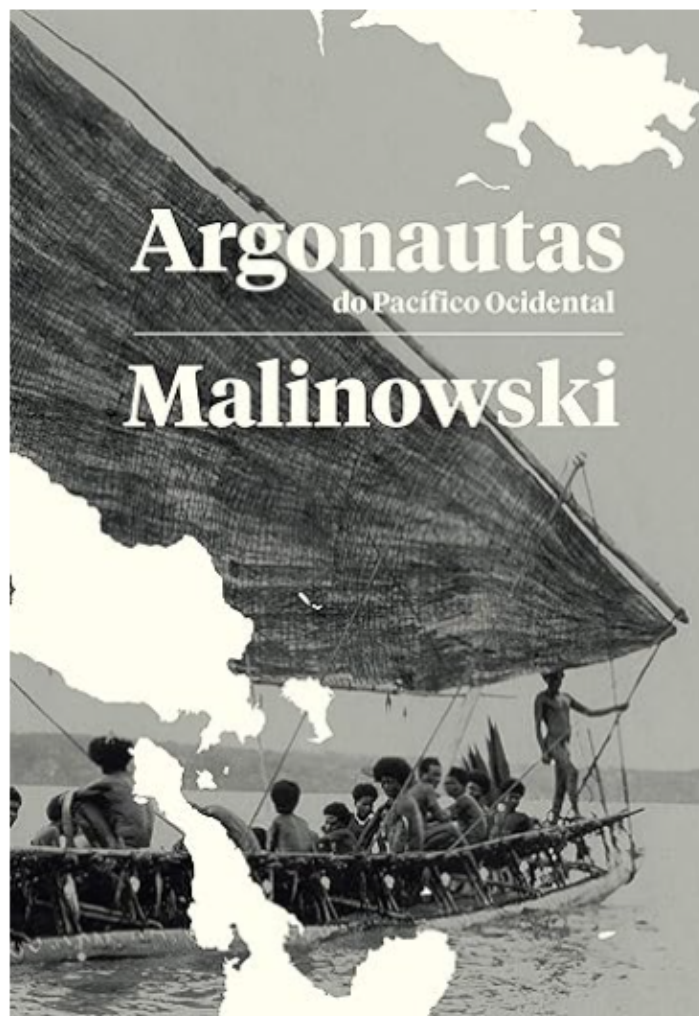


Os circuitos do *kula*

MARCELO MOURA MELLO 

Universidade Federal da Bahia | Salvador, BA, Brasil
marcelo.mello@ufba.br

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.v33i1pe222404



Malinowski, Bronislaw. 2018. *Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Ubu Editora, 672pp.

Preâmbulo

“Cadáver coberto com objetos valiosos” (Malinowski, 2018 [1922]: 650).



e215106

<https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9133.v33i1pe222404>

Essa é parte da legenda da última imagem a ilustrar a célebre obra de Bronislaw Malinowski (1884-1942), verdadeiro *tour de force* que, de muitos modos, estabeleceu o trabalho de campo de longa duração como ideal do modo dito profissional de se fazer antropologia e escrever etnografias. Essa imagem, uma das 64 fotografias reunidas na edição da Ubu Editora, pode ser considerada sintomática do modo de *exposição* dessa etnografia centenária.¹ No enquadramento, três “nativos” seguram um homem morto adornado com objetos pessoais. Desse corpo insepulto de pele ressequida, muitos outros objetos valiosos (*vaygu’a*) já haviam sido removidos.² Possivelmente, no passado esse homem percorrera diversas ilhas adornado de braceletes, colares e outros artefatos. Para o enterro, assim lemos no restante da legenda, todos esses objetos viriam a ser removidos. Entretanto, seu corpo, profundamente *despojado*, ganhou sobrevida nas páginas de uma obra perene que, de muitos modos, é constantemente revisitada, fabricada, questionada, celebrada e (des)valorizada.

“Com os *Argonautas*”, afirma Eunice Durham na apresentação à obra, “desfaz-se definitivamente a visão das sociedades tribais como fósseis vivos do passado, equivalentes humanos das peças de museu, aglomerados de crenças e costumes irracionais e desconexos” (Malinowski, 2018: 17). Bronislaw Malinowski não foi, como bem se sabe, o primeiro antropólogo a realizar pesquisa etnográfica de longa duração, embora tenha tido um papel determinante na criação de disjunções para com um já moribundo evolucionismo.³ O esboço firme da constituição tribal e dos atos culturais (esqueleto), a par do registro dos pontos de vista e das opiniões dos nativos (espírito), ganhava não apenas textura, como carne e sangue. A vida cotidiana e o comportamento habitual ganharam proeminência em um gênero científico-literário no qual o autor era, ao mesmo tempo, seu próprio cronista e historiador (Malinowski, 2018: 57; 80).⁴

As crônicas e histórias de Malinowski inspiraram outras tantas narrativas no seio da antropologia, de modo que a apreensão dessa obra é indissociável do direcionamento de olhares retrospectivos. Consolidadas diversas leituras sobre o grande antropólogo britânico de origem polonesa, pouco restaria a acrescentar. Resenhas não são ensaios, embora possam extrapolar a mera função de sumário. Essa advertência é importante porque, não raro, a leitura do livro limita-se à sua famosa introdução, deixando-se à deriva diversas outras partes. *Argonautas* é daqueles livros sobre os quais (aparentemente) muito

¹ *Argonautas* circula mais amplamente no Brasil desde 1976, ano de publicação no âmbito da famosa coleção “Os Pensadores”, da Abril Cultural. A edição mais recente conta com nova tradução – supervisionada por Eunice Durham, tradutora e autora da apresentação da primeira edição, incluída no novo volume – e com um instrutivo prefácio de Mariza Peirano.

² No original, Malinowski traduz *vaygu’a* como *valuable*. Ressalte-se a profusão de termos em Kiriwina não traduzidos diretamente para o inglês no livro.

³ Não obstante o prefácio laudatório de Sir James Frazer (1854-1941). Predecessores figuram extensivamente no volume, como C. G. Seligman (1873-1940), “mestre e amigo” a quem a obra é dedicada. Malinowski cita suas próprias publicações pregressas pelo menos uma dúzia de vezes.

⁴ O estudo de atos conspícuos da vida tribal e a documentação dos imponderáveis da vida real fundamentam a análise científica, de modo que “a carne e o sangue da vida real” cumprem o papel de preencher “o esqueleto vazio das construções abstratas” (Malinowski, 2018: 75-80).

se sabe, mesmo quando suas páginas não são folheadas.⁵ Apesar de ainda figurar no cânone e dada sua envergadura na história da disciplina, de muitos modos fomos e estamos sendo treinados a suplantar Malinowski e lê-lo a partir de outras injunções éticas, políticas, metodológicas e epistemológicas.

Nesta resenha, optou-se por privilegiar o conteúdo da obra. Apontamentos críticos concentram-se sobretudo neste preâmbulo, nas notas de rodapé e no trecho final. Itálicos constituem ênfases minhas ou se referem a termos em línguas estrangeiras.

Navegação

O escopo é delimitado já no prólogo: certos tipos de relações comerciais entre nativos do extremo leste da Nova Guiné, a partir de material etnográfico selecionado sobre toda a cultura tribal de um distrito. Se o tema principal da pesquisa é econômico, a organização social, os rituais, a magia, a mitologia e o folclore – tradições verbais, acervos de contos, lendas e o “falar antigo” transmitido por gerações – são igualmente relevantes, pois são interdependentes. A obra trata de uma “instituição intertribal associada a um sem número de outras atividades”, um todo entrelaçado e encadeado constituinte de uma grande “relação intertribal” (Malinowski, 2018: 154; 161; 646).⁶

Os dois capítulos iniciais oferecem um “esboço” da vida nativa para fornecer “uma impressão vívida e, por assim dizer, pessoal a respeito dos vários tipos nativos, sua terra e suas culturas” (Malinowski, 2018:147). Esse *contexto etnográfico* serve tanto de preâmbulo aos capítulos subsequentes como para demolir concepções falsas e preconcebidas sobre a economia e o comércio “tribais”, notadamente os pressupostos acerca do “homem econômico primitivo”, cujas ações manifestariam um utilitarismo exacerbado guiado pela satisfação de necessidades vitais com o mínimo esforço possível (capítulo 1).

Tal crítica conduz à descrição das atitudes de trobriandeses para com o trabalho, cujo caráter “não utilitário” fica evidente no cuidado e tempo dispensados no ordenamento e embelezamento de roças. A magia, que está associada a todas as coisas que “afetam vitalmente o nativo”, insinua-se aí, ordenando, sistematizando e regulando o trabalho. Conceitos caros à teoria econômica, como valor, posse, propriedade e riqueza, são esmiuçados (Malinowski, 2018: 123-124; 139; 192-193; 260-265). Submetidos ao *material empírico*, suas inadequações transparecem, pois introduzem ideias pré-concebidas antes mesmo de se proceder à descrição: “nos relatos etnográficos, não pode existir nada mais falso que a descrição dos fatos das civilizações nativas nos termos da nossa própria civilização” (Malinowski, 2018:266).

⁵ Um apanhado, longe de ser exaustivo, da fortuna crítica acerca de Malinowski, e sobre os *Argonautas* em especial, pode ser encontrado em: Mello, Marcello Moura. “Bronislaw Malinowski (1884-1942)” <https://editorialdeantropologia.weebly.com/autores/bronislaw-malinowski-1884-1942>. Acesso em 28 de setembro de 2023, às 08:59.

⁶ Efetivamente, trata-se de um “fato social total”, um “complexo econômico, jurídico e moral, verdadeiramente típico, que Malinowski soube descobrir, recuperar, observar e descrever”, nas célebres palavras de Marcel Mauss (2003 [1925]:219). Mauss, provavelmente o maior resenhista da história da antropologia, produziu a síntese mais densa de *Argonautas* (Mauss, 2003 [1925]:214-229), com vistas a explorar problemas de ordem teórica.

Nas Ilhas Trobriand vigora um “complexo sistema de deveres e obrigações”, uma permuta de artigos que “não têm nenhuma utilidade prática”, presentes e contrapresentes, em vez de tipos anômalos de comércio ou escambo, *gimwali*. Nessa tarefa crítica, a comparação com realidades mais próximas tem um efeito contrastivo. Semelhantemente às joias da Coroa salvaguardadas em museus britânicos, em Trobriand o *valor* dos *vaygu’a* provém da própria posse de objetos repletos de histórias e partícipes de eventos passados relevantes; à diferença dos primeiros, a posse dos *vaygu’a* é temporária (Malinowski, 2018: 126; 153; 156-157; 166).

No capítulo 3, “Características essenciais do *kula*”, apresenta-se uma noção geral da “instituição”, antes de se descrever minuciosamente seu funcionamento. De partida, Malinowski ancora o formato e a ordem de exposição do livro, renovando convites ao público-leitor: “Feita a descrição do cenário e dos atores, passemos ao espetáculo em si”. Junto a esse trecho inicial, o mapa 5 representa o “circuito” do *kula*, essa “forma de troca de caráter intertribal” em um “extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado” (Malinowski, 2018:149).⁷

Nesse circuito, dois tipos de artigos viajam constantemente em direções opostas: longos colares feitos de conchas vermelhas (*soulava*) e braceletes feitos de conchas brancas (*mwali*). Regulada por uma série de “regras e convenções tradicionais”, e acompanhada de “elaboradas cerimônias públicas e rituais mágicos”, a circulação desses artigos, que jamais são conservados por muito tempo por seus participantes, põem em marcha costumes, canções, temas artísticos e influências culturais que “viajam ao longo das rotas do *kula*”.⁸ Se a “troca cerimonial” desses dois artigos é o aspecto central e fundamental do *kula*, uma série de “atividades secundárias” é realizada à “sua sombra”: comércio de outros bens, construção de canoas, cerimônias mortuárias e tabus preparatórios (Malinowski, 2018:149; 161). Em suma, o *kula* é:

uma instituição enorme e extraordinariamente complexa não só em extensão geográfica, mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca um enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes, formando um todo orgânico (Malinowski, 2018:150).

Para ampliar essa definição sintética, compete ao etnógrafo entender por que se dá tanta importância a esses objetos, compreender sua finalidade, bem como construir o quadro ou o “esquema total” dessa “grande instituição”, provendo uma “síntese sociológica”,

⁷ Malinowski antecipa tópicos abordados por estudos sobre a globalização. O *kula* interessa direta e indiretamente ilhéus de um vasto arquipélago, cujas expedições marítimas são perfeitamente sincronizadas entre si. O pesquisador seguiu esse *circuito*, realizando investigações em distintos locais, acompanhando conversas em língua franca, o Dobu, e eventualmente checando informações por meio de relatos expressos em *pidgin* (Malinowski, 2018: 393; 431; 499). Ou seja, o etnógrafo não era o único poliglota em cena.

⁸ *Argonautas* aborda a “vida social das coisas”, para evocar aqui Arjun Appadurai. No livro, aprendemos que cada colar e bracelete têm um nome e personalidade próprios, encerrando uma “espécie de história ou romance nas tradições dos nativos” (Malinowski, 2018:158).

afinal o nativo não tem visão de todo, é incapaz de fornecer uma definição ou relato coerentes sobre a mesma. Nas Ilhas Trobriand, diversas modalidades de transação vigoram, cada qual acompanhada de regras de equivalência e formalidades próprias. Procedendo a uma “classificação aproximada” de cada uma dessas transações (Malinowski, 2018: 151; 156-157; 265-282), o autor sustenta que tais princípios estão presentes na organização social, nos costumes e nas próprias terminologias nativas.

É o estudo do comportamento e a descrição pormenorizada de costumes e casos concretos que embasam a terminologia, cuja classificação também atende a outro princípio teórico: a definição das relações sociais e dos grupos (clã, subclã, família, tribo, distrito, comunidade da aldeia) correspondentes a cada transação. O *kula* está sujeito a rigorosos limites e regras. Só pode ser executado entre pessoas que entram nessa *relação* de maneira específica, em virtude de seu respectivo prestígio social e posição hierárquica, que definem o número de parceiros. Direitos de participação e encantamentos mágicos podem ser transmitidos pelo pai, por tios maternos e chefes, que sempre são filhos de uma mulher de alta posição social. No entanto, o *kula* “é em essência uma atividade dos homens”, com participação limitada de mulheres (Malinowski, 2018: 282-286; 375-382).⁹

A fundamentação empírica das atividades interrelacionadas e interdependentes do *kula* se evidencia pela longa atenção conferida às canoas. A “realidade etnográfica” da canoa – essa “coisa viva” dotada de “individualidade própria”, de “um nome particular todo seu”, que “vive a vida de seus navegantes” (Malinowski, 2018: 177; 198-199) – não se reduz à sua dimensão material. Para ir de encontro à sua “realidade etnográfica mais profunda”, compete ao etnógrafo: estudar costumes e pormenores técnicos das etapas de sua construção, desde a derrubada de árvores e a escavação do tronco até o entalhe de tábuas de proa e a seleção de cipós para atar as embarcações; a divisão e a regulação do trabalho; noções de propriedade e valor; seus usos; os sentimentos e cuidados dispensados às canoas; as condições econômicas e crenças e tradições associadas, notadamente os encantamentos mágicos; familiaridade com mitos, cujos conteúdos dão a conhecer a sociologia, tecnologia e organização da construção e do uso das canoas.

No capítulo quatro, inicia-se uma nova jornada. Leitores são instados a apreciar diversos *espetáculos*, nos mais variados *cenários*, desde a partida de grandes expedições marítimas (*uvalaku*) até as cerimônias de recepção de visitantes, nas quais se ofertam e exibem alimentos, como o inhame. Todas as atividades relacionadas à construção de canoas são acompanhadas de variados ritos mágicos, oferendas a espíritos e recitação de encantamentos, muitos dos quais transcritos e analisados. Entre os capítulos 4 e 16 e 19 e 21, e em virtude mesmo do fato de “a finalidade principal de toda expedição *kula* [ser] receber, e não dar presentes” (Malinowski, 2018:305), esboça-se um quadro das leis da

⁹ Referências às mulheres normalmente são suscitadas por comentários sobre a estrutura matrilinear das “tribos”, poligamia, liberalidade sexual, feitiçaria e as atividades secundárias do *kula*, como a fabricação de potes comercializados no circuito intertribal (Malinowski, 2018:383-392). Na década de 1970, Annette Weiner proporia uma releitura crítica do material etnográfico sobre Trobriand, privilegiando as perspectivas de mulheres.

hospitalidade, bem como da “sociologia do kula.” (capítulo 11).¹⁰ Nessas expedições, as formas como as pessoas se apresentam não se limitam à enunciação de palavras lisonjeiras e a performances solenes. Para causar boa impressão entre anfitriões, corpos são ornamentados, trajados com vestes festivas, besuntados com óleo de coco. Recorre-se à magia kula da beleza, *mwasila*, para aumentar as possibilidades de receber um artigo valioso (Malinowski, 2018:233-234; 447).

Como os companheiros de Jasão, ilhéus do Pacífico Ocidental singram os mares, trespassam tormentas, percorrem cenários sombrios e misteriosos que “excitam sua imaginação”; confrontam-se com notáveis e insondáveis perigos, como aqueles precipitados por entes malignos, *tokway*, e pelas *mulukwasi*, bruxas voadoras que, além de adoecerem pessoas, banqueteiavam-se com carne humana. O relativamente longo capítulo 10 reconstitui a história de um naufrágio, tal como contada por sêniores a gerações sucedâneas (Malinowski, 2018:204-206; 404-405). Nesse relato (lembramos do longo subtítulo da obra), os expedientes narrativos de Malinowski se desenham:

Vamos escutar algumas dessas conversas, tentando nos impregnar da atmosfera que envolve esse punhado de nativos, temporariamente isolados nesse estreito banco de areia, longe de seus lares, tendo de depender exclusivamente de suas canoas para a longa viagem que os espera (Malinowski, 2018:330).

A jornada atravessa mares, aporta em ilhas e recorre a digressões, concernentes à “geografia” dos mitos, por exemplo. Documentos etnográficos sobre histórias e lendas, acompanhados de comentários tradicionais, canções e encantamentos, são apresentados. Mitos são analisados, para discernir a “atitude mental” dos nativos, sua “visão de mundo” (Malinowski, 2018:399-443).

As constantes referências à paisagem não são incidentais. Trata-se de “dar vida” à narrativa e, sobretudo, “mostrar como o nativo realmente vê o cenário de suas ações”, descrever “suas impressões e sensações relativas a esses lugares” [...], “em suas conversas na aldeia e em seu comportamento ao atravessar esses locais”. Além de influenciar a sociologia, a magia e o cerimonial do *kula*, os mitos têm o poder de “transformar a paisagem” (Malinowski, 2018:405-406).

Narrativas míticas familiarizam o etnógrafo com a divisão clânica, sua origem e caráter; com as propriedades da magia e sua relação com o grupo totêmico. Como timoneiro, Malinowski dita os rumos da navegação, reforça a importância de se observar diretamente as expedições, em vez de meramente reconstruí-las por relatos de terceiros,

¹⁰ Por seu caráter intertribal, o kula atravessa a “muralha” da suspeita, incompreensão e inimizade latente entre estranhos. Envolve ritos de incorporação e evitação, comportamentos solenes, obrigações mútuas, cooperação e disputas. Suscita tensões e desavenças, muitas das quais decorrentes de discordâncias quanto às equivalências entre presentes e contrapresentes, que podem alimentar outro circuito: o de feitiços e contrafeitiços (Malinowski, 2018: 458; 472).

estabelece os elos entre tempo e espaço.¹¹ A magia constitui o elo entre a tradição mítica e a atualidade. É a essência da “continuidade tradicional com as épocas ancestrais”, embora não seja estática, como evidenciado pelo surgimento de uma nova forma de magia, associada ao comércio de pérolas introduzido por brancos (Malinowski, 2018:411; 426; 527-529).

“Para conhecer a magia e entendê-la bem, é necessário estar bastante familiarizado com o mito” (Malinowski, 2018:439). Não deixa de ser espantoso que após cerca de 400 páginas, o autor afirme: “agora estamos mais bem equipados para uma descrição pormenorizada”. Os capítulos 17 e 18, que compõem 80 páginas, se dedicam à magia, que “assume uma importância primordial na maneira de o nativo encarar o *kula*”, além de perpassar esforços e atos econômicos. Se o nativo “aceita implicitamente” os pressupostos fundamentais da magia, não se trata apenas de compreender crenças, embora seja fundamental para o etnógrafo conhecer bem tradições, mitos, encantamentos e ritos, “itens objetivos da cultura” nos quais a crença se “cristalizou”.¹² Trata-se, sobretudo, de descrever atividades práticas correspondentes. A análise de dados linguísticos (capítulo 18) sobre o poder das palavras na magia assenta-se no pressuposto segundo o qual a magia serve a “propósitos especiais” (Malinowski, 2018: 465; 517; 521-522; 543-547).

O estudo dos “dados concretos da execução da magia” se assenta na distinção entre a fórmula, o rito e a condição do executor. A potência da magia reside no poder das palavras.¹³ Seu domínio, *megwa*, compreende o desempenho mágico, o encantamento, a força ou virtude da magia. A voz do recitador incide sobre o objeto do ato mágico; por meio da repetição, as palavras mágicas “penetram” na substância de objetos (Malinowski, 2018: 528-529; 553).

A força da magia, cristalizada nas fórmulas mágicas, é carregada pelos homens da geração presente em seu próprio corpo. O corpo é o receptáculo do legado mais valioso do passado. A força da magia não reside nas coisas; ela está dentro do homem e só pode escapar através da voz (Malinowski, 2018:537).

Encantamentos mágicos tornam-se documentos etnográficos por meio da coleta exaustiva de dados empíricos. No texto etnográfico, existe uma distância enorme entre a “crua declaração nativa e sua apresentação etnográfica explícita”. O intelecto nativo é incapaz de refletir explícita e distanciadamente sobre seus próprios pressupostos. Para

¹¹ Na obra há diversas passagens nas quais se reconhece as impossibilidades de se obter conhecimento em primeira mão, contrabalançadas pelas constantes reafirmações daquilo que de fato se viu, como na lista de acontecimentos testemunhados apresentada na introdução. “O etnógrafo pode entrar em detalhes mais concretos, com maior convicção, quando descreve coisas que de fato viu” (Malinowski, 2018:495).

¹² O etnógrafo deve alcançar a generalização por si mesmo. Seu trabalho é “criativo” porque não se sustenta, apenas, em perguntas diretas, que podem distorcer as evidências no próprio ato da pergunta (Malinowski, 2018:522-525).

¹³ A teoria etnográfica da linguagem esboçada em *Argonautas* foi sistematizada em *Coral Gardens and their magic*, livro nunca traduzido integralmente para o português. Stanley Tambiah viria a repensar a magia a partir de Malinowski.

atingir a “visão [nativa] das coisas, inclusive para alargar, enriquecer e aprofundar nossa visão de mundo”, transformando “conhecimento em sabedoria”, a “magia do etnógrafo” é fundamental. O etnógrafo evoca “o verdadeiro espírito dos nativos, numa visão autêntica da vida tribal” (Malinowski, 2018: 587; 654; 60).

Após percorrermos “os vários caminhos e ramificações do *kula*” (Malinowski, 2018: 645), podemos asseverar que Malinowski, por assim dizer, ‘inventou’ um ‘novo’ modo de se fazer antropologia, dotando de substância a magia do etnógrafo. Como nos encantamentos mágicos, a teoria etnográfica não se limita a replicar palavras: a ‘voz nativa’ é simultaneamente amplificada e transformada.

Reverberações

O último trecho acima referido (Malinowski, 2018: 60) é, como toda e qualquer resenha, incompleto. Ao transcrevê-lo, um pequeno elemento foi *deliberadamente* suprimido: o ponto de interrogação. A reinserção desse trecho em *outro arranjo textual* produz inevitáveis deslocamentos. Com efeito, não são apenas nossas respostas que demandam trabalho crítico; o mesmo vale para as nossas perguntas.

As questões de Malinowski, por certo, eram outras, emergiram em um ‘contexto específico’. Se tal ‘contexto’ não serve de salvo-conduto para a *relativização* de ideias (ultra)passadas, tampouco é suficiente para absolutizar outras inquietações. Já nos anos 1980, Marilyn Strathern não se limitou a destacar as novidades introduzidas por Malinowski (especialmente no que concerne à forma de escrita e à organização textual), mas também a problematizar como se criam *contextos* para ‘novas’ ideias, inclusive aquelas relativas às prescrições sobre como ler e interpretar obras passadas. Escrito em um contexto no qual o viés interpretativo de George Marcus e James Clifford ganhavam relevo, Strathern (2014 [1987]: 208) chamou a atenção para algo fundamental:

Retrospectivamente, perguntar sobre as ficções persuasivas dos tempos mais remotos é perguntar como os outros (Frazer, Malinowski e todo o resto) lidaram com nossos problemas morais de construção literária [...] O novo etnocentrismo consiste em construir as obras passadas como jogos literários quase intencionais. Não há nenhuma evidência, afinal, de que ‘nós’ paramos de atribuir nossos problemas aos ‘outros’ (Strathern, 2014:208).

Em ‘seu contexto’, no rescaldo dos morticínios da I Guerra Mundial, Malinowski preocupava-se com o “desaparecimento” rápido e irremediável do “objeto” da etnologia, justamente no momento no qual a disciplina começava a “pôr em ordem seus laboratórios” (Malinowski, 2018:47). Os apartes sobre os efeitos da presença de brancos nos confins do Pacífico Ocidental e as referências aos “tempos de outrora” – termo empregado amiúde no livro, aliás – são pequenos relances da empreitada colonial, *infraestrutura* determinante do contexto de produção do livro.

Para responder qual é a magia do etnógrafo, Malinowski listou uma série de preceitos metodológicos nas páginas introdutórias do livro – certamente as mais influentes

de toda a história da disciplina (Young, 2018:12). Nesta resenha, optei por passar ao largo dessa parte da obra, bastante utilizada no ensino de antropologia.¹⁴ Compete a leitoras e leitores reexaminar a introdução para refletir sobre o significado do kula e da empresa antropológica como um todo. Em especial, convém reler a obra toda, seja para apontar seus problemas e produzir novos experimentos, seja para inspirar-se em sua inegável riqueza empírica.

De muitos modos, a pesquisa empreendida por Malinowski é inviável na contemporaneidade, seja pelos parâmetros de relação com as pessoas estudadas, seja pela extensão da observação participante, que foi intercalada com estudos intensivos em bibliotecas na Austrália. Em uma época na qual não basta afastar-se geograficamente de representantes da própria cultura (afinal, o *smartphone* se tornou parte do *kit* antropológico), *Argonautas* ainda traz ensinamentos valiosos sobre a educação da atenção, a indispensabilidade do aprendizado de línguas, a importância da teoria e do convívio intensivo e prolongado com as pessoas.

A fotografia do homem insepulto pode ser remetida a uma perspectiva objetivante – e objetificante, poderíamos acrescentar – dos modos de se fazer antropologia nas primeiras décadas do século XX. Se fotografias documentam e reforçam o poder da observação, a legenda traz informações adicionais e remete ao significado do kula.¹⁵ Como sucede com outras pessoas agonizantes, esse homem foi recoberto com bens preciosos emprestados, como cintos, pingentes e lâminas de pedra. Quando tudo está acabado, esses bens são levados de volta por parentes e afins (Malinowski, 2018: 646-649). Eles circulam novamente, afinal “possuir é dar” (Malinowski, 2018:167).

Tal como o cadáver de um homem fotografado à sua revelia, *Argonautas* está despojado da vitalidade de outrora. Talvez, precisemos justamente deixar esse livro insepulto, esquadrinhando suas partes, seja aquelas ressequidas e definhadas, seja aquelas cobertas de riquezas e adereços. Independentemente de seu destino, tudo indica que essa obra continuará a ser simultaneamente um ponto de partida e de passagem, mas não de chegada, da disciplina. Semelhantemente a seu conterrâneo Joseph Conrad, Malinowski escreveu sobre terras longínquas assaltadas pela exploração colonial, com a diferença de que não penetrou no coração das trevas, mas antes seguiu o circuito da troca e da reciprocidade. Esse é seu grande espólio.

Referências Bibliográficas

BORGES, Antonádia; et. al. 2022. “*Argonautas*, monumental, incompleto”. *Revista Pós-Ciências Sociais* 19, n° 2: 375-398.

¹⁴ A referência aqui é a Borges et. al. (2022), produção coletiva na qual se questiona o caráter prescritivo da famosa introdução com vistas a imaginar futuros possíveis para a antropologia.

¹⁵ Ou, como nota com maior argúcia Samain (1995:33-34): “nesse vaivém entre as fotografias e as legendas remissivas ao seu próprio texto [...] fica patente que, para Malinowski, o verbal e o pictórico (desenhos, esquemas e fotografias) são cúmplices necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada”.

- MALINOWSKI, Bronislaw. 2018. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 672pp.
- MAUSS, Marcel. 2003 [1925]. “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In *Sociologia e antropologia*, 185-314. São Paulo: Cosac e Naify.
- MELLO, Marcelo Moura. Bronislaw Malinowski (1884-1942) – Autores. *Editorial de Antropologia*. <https://editorialdeantropologia.weebly.com/autores/archives/12-2016> . Acesso em 28 de setembro de 2023, às 08:59.
- SAMAIN, Etienne. “‘Ver’ e ‘dizer’ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes Antropológicos* 1, nº 2: 23-60.
- STRATHERN, Marilyn. 2014 [1987]. “Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia”. In *O efeito etnográfico e outros ensaios*, 159-210. São Paulo: Cosac e Naify.
- YOUNG, Michael W. 2018. “O Jasão da antropologia: vida, obra e legado de Bronislaw Malinowski”. In: *Bérose – Encyclopédie internationale des histoires de l’anthropologie*. <https://www.berose.fr/article1242.html?lang=fr>. Acesso em 22 de setembro de 2023, às 18:39.

sobre o resenhista

Marcelo Moura Mello

é professor do departamento de etnologia e antropologia da UFBA.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

Recebido em 16 de outubro de 2023.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2024.